

“A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ADOLESCENTE QUE TRABALHA - UMA ABORDAGEM PSICOLÓGICA”

JOCIMAR DAOLIO
Faculdade de Educação Física
UNICAMP - Campinas - SP

Daolio, J. - “A Importância da Educação Física para o Adolescente que Trabalha - Uma Abordagem Psicológica”

RESUMO: Este estudo teórico visa justificar psicologicamente a utilidade da prática escolar da Educação Física para o adolescente que trabalha. Visa também mostrar que o argumento de que o adolescente que trabalha não tem condições físicas para a Educação Física devido ao grande desgaste provocado pelo trabalho é inconsistente, devido às possibilidades de uma prática de Educação Física consciente. Este estudo, inicialmente, caracteriza a adolescência como um período especial do desenvolvimento humano, já que uma série de modificações intensas ocorrem num tempo relativamente curto. Em seguida, é feita uma caracterização das más condições de trabalho que o adolescente enfrenta, já que a busca de trabalho é realizada sem opção em relação ao tipo de atividade que vai desenvolver; o adolescente busca somente alguma forma de conseguir dinheiro para contribuir com o já reduzido orçamento familiar. Posteriormente, é discutida a importância da Educação Física para o adolescente em geral e, a partir daí, o estudo justifica a Educação Física Escolar para o adolescente que trabalha através de 9 (nove) propostas, subdivididas em 4 (quatro) grupos: I) Condições de Trabalho, II) Necessidade de Convivência em Grupo, III) Desenvolvimento Corporal e Necessidade de Dispendio de Energia, IV) Necessidade de uma Aprendizagem Integral.

UNITERMOS: Educação Física, Educação Física Para Adolescentes, Adolescência, Adolescência e Trabalho

Esse trabalho foi apresentado no XIV Simpósio de Ciências do Esporte, realizado em São Caetano do Sul, em Setembro de 1.986.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de tentar justificar a utilidade da prática escolar de Educação Física para o adolescente que trabalha. Vamos tentar mostrar que o argumento de que o adolescente que trabalha não tem condições físicas para a Educação Física devido ao grande desgaste provocado pelo trabalho é inconsciente, devido às possibilidades de uma prática de Educação Física consciente.

Inicialmente, vamos abordar, de maneira geral, a adolescência, para caracterizar e entender esses jovens que vão trabalhar e participar das atividades de Educação Física. Em seguida, vamos abordar, ainda de maneira geral, o trabalho e, a partir daí, especificar um pouco até chegar ao adolescente que trabalha. Depois, vamos abordar novamente a adolescência, mas, desta vez, sob o aspecto das modificações físicas por que passa o adolescente. E, aí sim, vamos buscar as justificativas da Educação Física para essa clientela específica.

ADOLESCÊNCIA

A adolescência tem sido descrita por vários autores como um período crítico do desenvolvimento humano. Alguns autores dão mais ênfase às modificações internas do indivíduo, outros realçam mais o aspecto sociológico, mas todos entendem a adolescência como um período especial do desenvolvimento, onde uma série de modificações intensas ocorrem num tempo relativamente curto. Assim entre os treze e dezoito anos, aproximadamente, os jovens passam por modificações de maneira diferente e passam a agir de maneira diferente tanto individualmente quanto nos grupos dos quais começam a participar.

Jean Piaget, no seu estudo do desenvolvimento cognitivo, fala do adolescente como capaz de ampliar sua atuação no mundo, já que passa a dominar um tipo de pensamento que ele chamou de formal. No seu livro “A Psicologia da Criança”, Piaget, juntamente com Inhelder, diz (pg. 113):

“A grande novidade do nível de que vamos tratar é, ao contrário, tornar-se o sujeito, por uma diferenciação da forma e do conteúdo, capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita ou em que ainda não acredita, isto é, que considera como puras hipóteses: torna-se, portanto, capaz de inferir as consequências necessárias

de verdades simplesmente possíveis o que constitui o início do pensamento hipotético-dedutivo ou formal" (10).

Helene Deutsch, representante da corrente psicanalítica, defende uma abordagem mais individualista e mais introspectiva, dando ênfase à vida anterior do adolescente. No seu livro "Problemas Psicológicos da Adolescência", ela afirma (pg. 16):

"A espantosa variedade de comportamento do adolescente depende em grande parte da sua vida de fantasia inconsciente; de ligações anteriores e do grau de progresso que tiveram durante o estágio infantil, no preparo para o último ato do processo de crescimento - isto é para o amadurecimento adolescente. Em outras palavras: a maturação como processo ocorre desde o começo da vida; a adolescência é apenas seu último ato - muito prolongado e muito complicado"(3).

As duas abordagens citadas acima não são de maneira nenhuma opostas ou excludentes. Pelo contrário, são complementares no sentido de caracterizarem a adolescência como um período especial e de tentarem entender e explicar o comportamento dos jovens, que à primeira vista pode ser justificado por uma rebeldia natural da idade ou por uma irresponsabilidade gratuita.

Partindo-se do ponto de vista que a adolescência é o processo pelo qual o adolescente vai inserir-se na sociedade adulta, é previsível que esse período seja difícil e conflituoso. Na verdade, durante toda a infância o indivíduo vai passando por um processo de desligamento da família, substituindo suas relações mais primárias com os seus primeiros objetos de afeto por outras gradualmente mais externas, até chegar ao estágio da integração total na sociedade adulta. É na adolescência que ocorre, segundo Helene Deutsch, uma revolução que consiste na troca do "eu" pelo "nós" (3).

As pesquisas de Piaget reforçam esse ponto de vista, pois supõem que o adolescente, com um pensamento mais evoluído do que a criança, começa a considerar-se igual aos adultos e a julgá-los num plano de igualdade (11). Aliado a esse fator, Piaget frisa a capacidade do adolescente em pensar no futuro, o que lhe permite fazer planos para a sua vida, incluindo nestes os mais ambiciosos projetos de reforma social.

É devido a esses fatores todos que a adaptação do adolescente muitas vezes é difícil, tanto com grupos da mesma idade, como na família, ou ainda em situações escolares ou de trabalho. Helene Deutsch, à pag. 16 do seu já citado livro, relata algumas reações características desse período:

"Algumas reações são muito típicas e gerais: por exemplo, a desvalorização de valores aceitos e a procura de valores novos; a projeção das próprias fraquezas e incapacidades para o exterior; as acusações, as explosões diretas de agressividade ou a compensação excessiva da inércia e passividade por atos de brutalidade" (3).

Piaget descreve, no adolescente, uma forma de egocentrismo, no sentido do jovem apresentar uma certa indiferenciação entre o seu ponto de vista e o ponto de vista do grupo com o qual ele convive. Essa indiferenciação surge a partir da ampliação da capacidade do adolescente em vi-

sualizar o mundo e contribui para as reações de agressividade e de inconseqüência que muitas vezes percebemos nos jovens. Nesse sentido, o adolescente confunde-se ao pensar no ambiente em que procura localizar-se, ao pensar em sua atividade nesse ambiente e nos meios para transformá-lo. Só a partir do que Piaget chama de "descentração" é que o adolescente vai deixando essa relativa indiferenciação e vai atingindo novamente o real - e este processo é o verdadeiro início da vida adulta (11).

ADOLESCÊNCIA E TRABALHO

O trabalho, cada vez mais, vem sendo fruto de estudos e pesquisas progressivamente mais aprofundadas. Obviamente que não poderia ser diferente, já que, afinal de contas, ele ocupa uma boa parte da vida da maioria das pessoas em todo o mundo, determinando, muitas vezes, seus hábitos, valores, interesses, recompensas e atitudes políticas. Davies e Shackleton (2), citando O'Toole, dão uma definição ampla de trabalho: "é uma atividade que produz algo de valor para outras pessoas". E produzindo algo de valor para outras pessoas, seria possível inferir que o trabalhador sente-se gratificado e recompensado com sua atividade profissional.

Infelizmente, no nosso mundo atual, a situação não pode ser vista de forma tão otimista. Convivemos com o desemprego, a rotatividade de pessoal, o baixo salário, o aproveitamento da mão-de-obra barata e a exploração de adolescentes e mulheres. Convivemos, acima de tudo, com a forma exploratória característica do sistema capitalista. Esses problemas todos acabam dando outra dimensão ao trabalho. Davies e Shackleton, no livro "Psicologia e Trabalho", escrevem (pg. 21):

"Numerosos teóricos sociais, desde Karl Marx a William Morris, concluíram que os novos métodos destruíram qualquer valor intrínseco que o trabalho pudesse ter, na medida em que o trabalhador individual era meramente convertido em apêndice passivo de uma máquina" (2).

É óbvio que o objetivo desses novos métodos era aumentar a produtividade e a eficiência, sendo ignorados quaisquer outros interesses e necessidades dos trabalhadores. Ecléa Bosi, em seu livro "Cultura de Massa e Cultura Popular - Leituras de Operárias", cita um depoimento contundente de Ernest van der Haag (pg. 78):

"A monotonia torna-se mais árida pela amplitude das linhas de produção que debilitam o relacionamento de cada trabalhador com o produto final e certamente com a produção como um processo significativo. O apego emocional às tarefas de produção e aos produtos também se afrouxa, pois cada contribuição vem a ser insignificante e os produtos finais são uniformemente privados de marcas identificadoras de habilidade pessoal ou de imaginação. Uma vez que as técnicas de produção se padronizam, elas requerem mais auto-repressão do que auto-expressão dos trabalhadores"(1).

Depois desse painel até certo ponto sombrio do trabalho, podemos tentar pensar na relação entre adolescência e trabalho. Para Piaget e Inhelder, é o trabalho efetivo que

permite ao adolescente tornar-se adulto, deixando de ser o reformador idealista e transformando-se no realizador (11).

Super, em 1.957, esboçou a vida de trabalho em cinco fases no processo de ajustamento vocacional: crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio. A segunda fase, exploração, é a que cobre o período da adolescência. É nessa fase que o adolescente põe à prova a realidade, com a subsequente modificação do conceito de "eu" e sua tradução em termos ocupacionais. É devido a isso que o autor aconselha a orientação vocacional nesse período do processo de desenvolvimento (13).

Entretanto, o adolescente brasileiro que procura trabalho ainda não se encontra no final da adolescência, período em que é natural a busca de uma atividade efetiva. Também não passou pela fase de exploração que citamos acima. Em outras palavras, não lhe é possível explorar a realidade, até se enquadrar em alguma atividade, atingindo assim, naturalmente, a idade adulta. O adolescente brasileiro - pelo menos o adolescente de escola pública - vai buscar trabalho em qualquer lugar onde consiga algum dinheiro para contribuir com o já reduzido orçamento familiar. E essa busca de trabalho começa muito cedo, às vezes antes mesmo do início da adolescência. É Zahidé Machado Neto, no seu artigo "Meninos Trabalhadores", quem confirma, com seus estudos, nosso ponto de vista (pg. 101):

"O penoso processo do que se poderia chamar de 'adultização' do menor das camadas mais desfavorecidas das classes baixas é todo realizado em função da necessidade de ganhar a vida" (7).

Outra autora, Aparecida Joly Gouveia, no seu artigo "O Trabalho do Menor: Necessidade Transfigurada em Virtude", nos relata um dado oficial que pode parecer surpreendente. Ela escreve (pg. 56) que, no Brasil, "mais de um quinto dos menores na faixa dos dez aos doze anos e a metade dos que têm entre quinze e dezessete anos de idade inserem-se na População Economicamente Ativa" (6).

A mesma autora cita, no mesmo artigo (pg. 59), uma pesquisa realizada em 1.981, em São Paulo, com menores trabalhadores. Nessa pesquisa, ressalvada a pequena amostragem, ela constata "que a grande maioria dos menores era constituída de assalariados. E entre estes, quase dois terços não tinham registro em carteira" (6).

Na intenção de caracterizar o tipo de trabalho do menor no Brasil - e, em especial, em São Paulo - vamos nos amparar uma vez mais na pesquisa de Aparecida Joly Gouveia. Ela relata no seu artigo (pag. 60):

"Na verdade, porém, os tipos de trabalho aos quais os menores mais comumente têm acesso não oferecem muita oportunidade para a aquisição de competência especializada. Não se aprende muito quando se passa o dia inteiro fazendo pacotes em super-mercado ou toda a manhã carregando compras na feira; ou então vendendo sorvetes ou bugigangas, seja na rua ou atrás de um balcão no bar ou vendinha do bairro. Nem mesmo como 'office-boy', pois neste caso 'a gente só anda e fala com as pessoas'. Trabalhar como aprendiz em fábrica aparentemente não coloca o menor em situação mais favorável, pelo que se infere das queixas sobre o caráter rotineiro das tarefas que lhe são atribuídas - aquém da capacidade que julgam possuir, se-

gundo alguns deles" (6).

Estes dados nos levam a concluir que o menor brasileiro que trabalha, o faz sem muita opção em relação ao tipo de atividade que desenvolve. O que importa nesse momento é a necessidade de complementar o orçamento familiar.

ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Vamos agora abordar a adolescência sob o aspecto do crescimento e das mudanças físicas, tentando entender o que o "novo" corpo representa para o adolescente. A partir daí vamos justificar a Educação Física para os adolescentes em geral e, em especial, para aqueles que trabalham.

Segundo Mussen, Conger e Kagan, no livro "Desenvolvimento e Personalidade da Criança" (pg. 455). "o adolescente, e particularmente o jovem adolescente, enfrenta aumentos rápidos de altura, mudanças nas dimensões corporais, além das mudanças objetivas e subjetivas relacionadas à maturação. É óbvio que todos esses desenvolvimentos ameaçam seu sentido de auto-consciência, e o adolescente precisa de um certo tempo para integrá-los num sentido de identidade de ego positiva e auto-confiante que aos poucos vai emergindo" (9).

Para Pierre Furter, a adolescência se inicia no exato momento em que o corpo se impõe à atenção do indivíduo (5). Isso porque, para a criança, o corpo é uma extensão do seu "eu", havendo mesmo uma confusão entre ela e os objetos e pessoas que a cercam. Em outras palavras, a criança conhece o mundo através das manipulações, das sensações e organizações que essas manipulações vão exigindo. Entretanto, na adolescência o corpo surge soberano, inábil, desproporcional e, ao mesmo tempo, como um meio poderoso que coloca o adolescente em relação com o exterior e, em particular, com o outro. Se na infância a criança sentia-se à vontade com seu corpo, na adolescência esse corpo não é mais um prolongamento natural do seu ser, mas uma parte de si que o identifica na sociedade.

Novamente percebemos aqui um momento conflituoso por que passa o adolescente. Embora o corpo se apresente ao adolescente como sendo-lhe alheio, é o seu corpo. Citando Merleau-Ponty, "não estou diante de meu corpo; sou meu corpo" (8).

Pierre Furter, no seu livro "Juventude e Tempo Presente", faz uma análise dos movimentos do adolescente. Diz ele (pgs. 25-27):

"Os movimentos já não são mais simplesmente o desabrochar, a manifestação do equilíbrio corporal, são elementos de uma cultura". Para ele, é através da busca de um estilo de movimento que os adolescentes harmonizam sua presença corporal e lutam contra a inabilidade". E é nesse sentido que Pierre Furter propõe uma Educação Física que facilite o que ele chama de "aprendizagem fisiológica, isto é, o delicado esforço pelo qual os adolescentes reconhecem seu corpo, do qual se tornam senhores respeitando seus limites internos e externos". Assim, a Educação Física não deve se limitar ao desenvolvimento muscular, e sim reconhecer "a importância da forma, da dinâmica e do estilo do movimento".

Em síntese, Pierre Furter propõe duas tarefas distintas para o programa de educação corporal. A primeira, englobando o desenvolvimento racional das novas possibilidades fisiológicas e o reconhecimento consciente dos limites corporais. A segunda, englobando um esforço de adaptação ao corpo e uma reflexão de comportamento corporal (5).

A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ADOLESCENTE QUE TRABALHA

Depois de abordarmos de maneira geral a adolescência, o trabalho, o adolescente que trabalha e o desenvolvimento físico do adolescente, vamos justificar uma Educação Física não só possível como útil ao adolescente que trabalha, embora no decorrer do texto já tenha sido possível, certamente, depreender pontos de contato entre adolescência e Educação Física.

Antes de justificar a Educação Física para o adolescente que trabalha e a fim de resolver antecipadamente possíveis confusões, convém esclarecer que dois princípios norteiam esse estudo:

1 - **corpo como um todo:** a Educação Física trabalha com o ser humano como um todo. Não consideramos o corpo apenas como um conjunto de ossos e músculos a serem treinados, mas como a totalidade do indivíduo que se expressa através de movimentos, sentimentos e atuações no mundo.

2 - **educação como um todo:** a Educação Física, no contexto escolar, visa auxiliar a formação integral do educando. Não consideramos a Educação Física uma matéria à parte do currículo das escolas. Pela sua atuação globalizante, consideramos a Educação Física uma matéria rica para o desenvolvimento do aluno.

A partir dessas duas premissas vamos justificar a Educação Física para os adolescentes que trabalham considerando quatro itens, a saber: as condições de trabalho (I), a necessidade de convivência em grupo (II), o desenvolvimento corporal e a necessidade de dispêndio de energia (I-II) e a necessidade de uma aprendizagem integral (IV).

I) Condições de Trabalho

Como vimos na pesquisa de Aparecida Joly Gouveia, os tipos de trabalho aos quais os menores têm acesso não oferecem - ou pouco oferecem - oportunidades para a aquisição de competência especializada e, conseqüentemente, realização profissional (6).

Vimos também que a amplitude das linhas de produção fazem com que o relacionamento do trabalhador com o produto final seja cada vez menor e menos significativo.

Esses dois aspectos, acrescido das desfavoráveis condições de vida, fazem com que o jovem realize qualquer atividade remunerada a fim de auxiliar a sobrevivência da família, muitas vezes desrespeitando as necessidades do seu corpo.

Também precisamos levar em conta a necessidade de lazer, que é definido por Joffre Dumazedier como "um conjunto de ocupações às quais o indivíduo se pode entregar de pleno agrado, seja para divertir-se, seja para desen-

volver sua participação social voluntária, sua informação ou sua formação desinteressada, depois de se ter liberado de todas as suas obrigações profissionais, familiares e sociais" (4).

Citando Zahidé Machado Neto (pg. 100):

"O menino de dez anos que vai ao centro da cidade, às praias, a bairros mais movimentados, vender doces, por exemplo, não terá condições de jogar bola ou empinar papagaio" (7).

Nesse sentido propomos:

1 - uma Educação Física que faça o adolescente utilizar o corpo para uma atividade pessoal, em contrapartida ao trabalho, que na maioria das vezes lhe é desinteressante, obrigando-o a uma atividade desgastante sem lhe trazer benefícios. Em outras palavras, que, nesse momento, o corpo esteja a seu serviço e não a serviço da força de trabalho capitalista.

2 - uma Educação Física que permita ao adolescente um relaxamento, com a intenção de fazê-lo perceber seu corpo e capacitá-lo a controlar esse corpo, em oposição ao automatismo que o trabalho muitas vezes lhe exige.

3 - uma Educação Física que permita ao adolescente a prática de atividades prazerosas e recreativas, em oposição à rigidez e ao caráter repressivo de muitos trabalhos.

II) Necessidade de Convivência em Grupo

Já falamos da "descentração", descrita por Piaget a Inhelder como o processo pelo qual o indivíduo vai atingindo o real, para inserir-se na sociedade adulta. O processo de descentração depende da vida social do adolescente. "É principalmente nas discussões com os colegas que o criador de teorias freqüentemente descobre, pela crítica às dos outros, a fragilidade das suas" (11).

Para Helene Deutsch, o motivo mais importante para a formação de grupos de adolescentes é a busca de identidade com os companheiros. Diz ela (pg. 63): "Sozinho estou perdido; juntos somos fortes. É o "nós" que me dá a sensação de identidade social e, deste modo, me protege contra a ansiedade"(3).

Essa busca de identidade pelo adolescente pode ser explicada por uma necessidade de comparação. O adolescente que sofreu modificações no seu corpo, que pensa de forma diferente, que se rebela contra os adultos, que sente coisas diferentes, precisa de alguma referência para continuar vivendo. Essa referência ele vai buscar nos grupos da mesma idade.

Essa necessidade de convivência em grupo foi confirmada na pesquisa de Aparecida Joly Gouveia. Ela relata (pg. 60):

"Alguns menores, mormente entre os que passavam longas horas trabalhando sob estrita supervisão, expressaram certo sentimento de satisfação por poderem, no ambiente escolar, conversar mais livremente com colegas e gozar de uma atmosfera menos opressiva, aliviando-se então das tensões sentidas no trabalho" (6).

Nesse sentido propomos:

4 - uma Educação Física que permita ao adolescente

uma convivência em grupo, já que o trabalho muitas vezes não permite isso e as outras matérias escolares, pelo seu carácter teórico, estimulam muito pouco essa real convivência.

5 - uma Educação Física que permita ao adolescente um relacionamento intenso com seus pares, através de atividades motivantes, globalizantes e participativas, onde o corpo seja o seu instrumento de contato com os outros.

III) Desenvolvimento corporal e Necessidade de Dispendio de Energia

Já vimos anteriormente que no início da adolescência o jovem se depara com um corpo que lhe parece estranho. A primeira reação é a de negação desse corpo que lhe limita. Em seguida, o adolescente lutará "contra" esse corpo, tentando controlá-lo e colocá-lo a seu serviço. É nesse momento que o adolescente se interessa por atividades que lhe imponham esforços prolongados e que lhe exijam um grande dispendio de energia. Assim, supõe que dominará o corpo pela força (5).

Em seguida, o adolescente vai percebendo que esse corpo tem uma função social, que é através desse corpo que ele atua na sociedade e é através desse corpo que ele é reconhecido na sociedade. Nesse momento, o adolescente necessita de uma educação corporal que o auxilie a tornar seu corpo menos inábil e mais útil. Esse processo culmina com a aprendizagem esportiva, já que o esporte possui técnicas, táticas e regras que são, antes de tudo, sociais, ou seja, aceites por todos. Pierre Furter distingue o esporte do jogo infantil da seguinte forma (pg. 32):

"É o esporte que manifesta o movimento centrífugo da atividade juvenil, enquanto o universo lúdico da criança é essencialmente centrípeto" (5).

Nesse sentido propomos:

6 - uma Educação Física que permita ao adolescente um dispendio de energias em atividades que lhe deem prazer, juntamente com seus colegas, já que o trabalho, embora podendo ser desgastante, geralmente não lhe motiva.

7 - uma Educação Física que permita ao adolescente a continuidade do seu desenvolvimento global, a fim de fazê-lo descobrir a pluralidade e a riqueza de movimentos que o seu corpo lhe possibilita, obtendo assim mais meios para se conhecer e enfrentar a vida presente e futura.

8 - uma Educação Física que permita ao adolescente a aprendizagem sistemática dos esportes, já que através destes o adolescente pode aprender e praticar normas sociais que lhe serão úteis na sua vida em sociedade.

IV) Importância de uma Aprendizagem Integral

Carl Rogers, num dos capítulos do livro "A Pessoa Como Centro" (pg. 160), propõe uma aprendizagem nas instituições de ensino que alie a cognição, os sentimentos e as vivências. Segundo ele, as escolas têm se fixado somente em idéias, não conseguindo uma educação da "pessoa in-

teira", mas uma educação do "pescoço para cima". Para ele, a aprendizagem global só vai acontecer quando se reunir, numa única experiência, "a aprendizagem intelectual, a gama de emoções pessoais e o impacto fisiológico básico" (12).

Partindo desse ponto de vista, podemos inferir que a Educação Física possui excelentes meios para esse tipo de experiência, já que é uma disciplina que implica em vivências globais, vivências estas que levam a sentimentos diversos e podem englobar uma prática cognitiva.

Nesse sentido propomos:

9 - uma Educação Física que permita ao adolescente uma aprendizagem globalizante, que alie o cognitivo ao afetivo-vivencial, já que o trabalho não desenvolve esse aspecto e as outras matérias escolares têm menos condições de proporcionar esse tipo de experiência do que a Educação Física.

CONCLUSÃO

Tentamos, a partir de uma abordagem da adolescência e do trabalho, chegar ao adolescente que trabalha, justificando uma prática de Educação Física escolar para esse tipo de clientela.

Por que o adolescente que trabalha pode e deve participar das sessões de Educação Física?

Porque a Educação Física pode contribuir com aspectos que o trabalho e as outras matérias escolares quer isoladamente, quer conjuntamente - não desenvolvem.

Porque a situação do adolescente que procura trabalho é específica, ou seja, ele precisa de dinheiro e trabalha em qualquer tipo de atividade. Porque o adolescente que procura trabalho ainda não está completamente desenvolvido e apto para ingressar na sociedade adulta. Porque o adolescente que precisa ainda e - talvez, sempre - da convivência em grupo e de atividades prazerosas que o auxiliem o seu desenvolvimento integral. Porque o adolescente necessita utilizar seu corpo por si mesmo, a fim de conhecê-lo e respeitá-lo. Enfim, porque o adolescente necessita de uma aprendizagem globalizante, que leve em conta suas angústias, suas dúvidas, seus desejos e anseios.

A Educação Física não pretende resolver os problemas e conflitos dos adolescentes; não vai também dissimular as más condições de trabalho que os adolescentes enfrentam; nem, muito menos, pretende dar uma atividade recreativa, apenas para distrair os jovens.

A Educação Física Escolar deve, apenas e tão somente, atender ao seu compromisso humano, auxiliando na educação e na formação dos jovens. A nossa tentativa nesse trabalho foi a de evidenciar que a prática da Educação Física é plenamente fundamentada e justificável para todos os adolescentes. E aqueles que, por um motivo ou outro, trabalham, não só não devem se privar dessa prática, como podem beneficiar-se intensamente dela.

ABSTRACT: *The purpose of this theoretical study is to give sufficient psychological grounds of the usefulness of the school practice of Physical Education to the worker adolescent. Beyond to check on the inconsistency of the argument that the worker teen-ager hasn't satisfactory physical fitness in order to the great work exhaustion, because he can practice a critical Physical Education. This study, at the beginning, describes the adolescence like a particular period of the human development, specially concerning the increase of modifications in a short time. Then, a characterization of adolescent's work situation is done, because they look for a work, with no choice, they work toward money, in order to supply the familiar deficit. Finally, the Physical Education's values are discussed, focussing the adolescent and, based on that, this study justifies the school Physical Education to the worker adolescent by 9 (nine) arrangements, with 4 (four) classifications groups: I) Work Conditions; II) Necessity of Sociability; III) Maturity and Necessity of Ability; IV) Necessity of Integral Learning.*

UNITERMS: *Physical Education, Physical Education for Adolescents, Adolescence, Work and Adolescence.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular - Leituras de Operárias.** Petrópolis, Vozes, 1.977.
 02. DAVIES, D.R. e Shackleton, V.J. **Psicologia e Trabalho.** Rio de Janeiro, Zahar, 1.977.
 03. DEUTSCH, H. **Problemas Psicológicos da Adolescência - Com Ênfase Especial na Formação de Grupos.** Rio de Janeiro, Zahar, 1.974.
 04. DUMAZEDIER, J. apud. Bosi, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular - Leituras de Operárias.** Petrópolis, Vozes, 1.977.
 05. FURTER, P. **Juventude e Tempo Presente - Fundamentos de uma Pedagogia.** Petrópolis, Vozes, 1.975.
 06. GOUVEIA, A.J. **O Trabalho do Menor: Necessidade Transfigurada em Virtude.** Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. (44):55-62, 1.983.
 07. MACHADO, Z. **Meninos Trabalhadores.** Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. (31):95-101, 1.979.
 08. MERLEAU - Ponty, M. **A Fenomenologia da Percepção.** Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1.971.
 09. MUSSEN, P.H., Conger, J.J. e Kagan, J.K. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança.** São Paulo, Harbra, 1.977.
 10. PIAGET, J. e Inhelder, B. **A Psicologia da Criança.** São Paulo, Difel, 1.978.
 11. _____ . **Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente.** São Paulo, Pioneira, 1.976.
 12. ROGERS, C.R. e Rosenberg, R.L. **A Pessoa como Centro.** São Paulo, EPU-EDU SP, 1.977.
 13. SUPER, D.E. apud. Davies, D.R. e SHACKLETON, V.J. **Psicologia e Trabalho.** Rio de Janeiro, Zahar, 1.977.
-